

**Perfil biográfico:
suas origens, contornos e peculiaridades**

***Biographical profile:
its origins, contours and peculiarities***

Aparecido Santos do CARMO¹
Cristóvão Domingos de ALMEIDA²

Resumo

O presente trabalho parte de uma extensa revisão da literatura para responder à seguinte questão: de que maneira o perfil biográfico se configura como um formato jornalístico autônomo? Para isso, apresentamos as definições trazidas dos estudos de gêneros jornalísticos e avançamos em uma observação sobre o que já foi pesquisado a respeito da prática jornalística no que diz respeito a esse tipo de texto, bem como uma análise do histórico deste formato. Foi possível identificar que se trata de um tipo de texto aberto à subjetividade do repórter, contrariando uma visão mais tecnicista da prática jornalística, e que permite dar a conhecer como as pessoas reais são afetadas pelas decisões políticas ou pelos acontecimentos inesperados.

Palavras-chave: Perfil biográfico. Gêneros jornalísticos. Prática jornalística.

Abstract

This paper is based on an extensive literature review to answer the following question: in what way is the biographical profile configured as an autonomous journalistic format? In order to do this, we presented definitions from journalistic genre studies and went on to look at what has already been researched about journalistic practice with regard to this type of text, as well as analyzing the history of this format. It was possible to identify that this is a format that is open to the reporter's subjectivity, contrary to a more technical view of journalistic practice, and that allows us to get to know how real people are affected by political decisions or unexpected events.

Keywords: Biographical profile. Journalistic genres. Journalistic practice.

¹ Mestre em Estudos de Cultura Contemporânea e graduação em Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). E-mail: aparecido.jor@gmail.com

² Pós-doutor em Comunicação e Práticas de Consumo, Doutor em Comunicação e Informação. Professor dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação e em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: cristovaoalmeida@gmail.com

Introdução

Evidências empíricas apontam para a existência de um tipo de jornalismo que consegue estar aberto às diferentes vozes identificadas no tecido social e focado nos relatos pessoais que servem para dar nome e rosto às notícias e, portanto, mostram como a população é de fato afetada pelos acontecimentos que compõem o noticiário. É o que chamamos de jornalismo sobre pessoas, que abrange principalmente os seguintes formatos: perfil biográfico, obituário e história de interesse humano.

É importante esclarecer que neste trabalho adotamos a classificação dos gêneros e formatos jornalísticos proposta por José Marques de Melo (DIAS et al, 1998; MELO; ASSIS, 2010; 2016; 2020). Conforme este autor, o perfil é um formato do jornalismo interpretativo, servindo como forma de ajudar a audiência a compreender os acontecimentos registrados pela imprensa, dando um aprofundamento nos temas e inserindo um aspecto mais humano, já que centrado em uma personagem que sirva de modelo para os leitores.

O obituário é o espaço para registrar, geralmente em formato literário, a morte de uma pessoa, em um relato conciso, concedendo-lhe um reconhecimento público póstumo. Este formato é classificado como pertencendo ao jornalismo diversional. A ideia é que ele está mais próximo de uma literatura popular, voltada para atingir a audiência a partir da emoção, seja proporcionando divertimento ou emocionado. Essa visão supera o caráter do obituário como mero instrumento de prestação de serviço, que era o entendimento que se tinha até então (DIAS; CARMO, 2020).

Já a história de interesse humano está situada em algum lugar entre as notícias e as reportagens. Ela foge do padrão ao relatar acontecimentos desimportantes e se sustenta pela carga emotiva do que é contado, geralmente em estilo livre, permitindo ao repórter trazer para o campo do jornalismo as técnicas de escrita ficcionais. Sua origem remonta aos formatos da oralidade e retrata situações universais, isto é, que podem ser compreendidas por qualquer pessoa a qualquer tempo (CARMO; DIAS, 2022).

De forma resumida, o jornalismo sobre pessoas está centrado no elemento do interesse humano, isto é, na capacidade de um determinado acontecimento em atingir emocionalmente a audiência a que se destinam os produtos jornalísticos. É um tipo de jornalismo que permite uma maior proximidade com as pessoas comuns, não com as autoridades ou os especialistas.

Este trabalho vai se deter sobre o perfil biográfico. A proposta é identificar as características que o diferenciam dos demais formatos jornalísticos, não apenas do obituário e da história de interesse humano, mas do todo das possibilidades textuais na realidade dos repórteres brasileiros.

Segundo a jornalista queniana Fiammetta Rocco (1999) a razão para que o perfil biográfico seja um dos formatos mais populares da imprensa é porque lida com histórias de vidas de pessoas. Neste artigo será apresentado um panorama da história, contornos e práticas do perfil, de modo a traçar uma linha do tempo identificando as origens da tradição biográfica no jornalismo até a sua popularização no Brasil, a partir da década de 1960.

Um breve esboço da história do perfil

Alguns autores localizam o surgimento do perfil na Antiguidade, mais especificamente na obra “Vidas Paralelas” de Plutarco de Queroneia, onde foram contadas as histórias de chefes militares, legisladores e governantes da Grécia e de Roma (REMNICK, 2001; KEEBLE; JOSEPH, 2016). O foco daqueles textos estava nos feitos realizados e nas posições que aquelas personagens ocupavam na hierarquia social. O próprio Plutarco destacou que o que ele fazia era contar histórias de vidas, assim como os repórteres da atualidade que se dedicam a escrever perfis:

[...] pois é preciso que se lembrem de que não me pus a escrever histórias, mas vidas somente; e as mais altas e gloriosas proezas nem sempre são aquelas que mostram melhor o vício e a virtude do homem; ao contrário, muitas vezes uma ligeira coisa, uma palavra ou uma brincadeira põem com mais clareza em evidência o natural das pessoas do que derrotas onde tenham morrido dez mil homens, ou grandes batalhas, ou tomadas de cidades por sítio ou assalto. Portanto, exatamente como os pintores [...] procuremos sobretudo os sinais da alma e formemos desse modo um retrato natural da vida e dos costumes de cada um, deixando que os historiadores descrevam as guerras, batalhas e outras grandezas tais (PLUTARCO, 1953, p. 10).

Os textos plutarquianos não apenas registravam as histórias daqueles indivíduos, mas demonstraram que eles estavam inseridos em um contexto maior, um grupo social delimitado, com normas específicas que influenciavam no curso da sua trajetória. A história do indivíduo era o ponto de partida para retratar a história de um período. Já naquela altura, Plutarco precisava se preocupar com a veracidade e a qualidade das

informações a que tinha acesso. Ele verificava, comparava as versões e mantinha uma postura de prudência e equilíbrio (SILVA, 2006).

Era uma preocupação do biógrafo dar ao seu texto um ar de verossimilhança. Para alcançar seu objetivo, ele utilizava uma estrutura cronológica que ia do nascimento até a morte da sua personagem, passando pelos principais momentos da sua vida, expondo que aquela figura em questão era fruto do seu tempo e do seu meio (SILVA, 2006). O que se verifica é que, desde o princípio, os relatos biográficos têm relação estreita com o que se passa no tecido social, o que mobiliza, preocupa e afeta as pessoas.

O pesquisador Grant Hannis (2016), defende que ainda antes da invenção da imprensa, existem vestígios da “pré-história” do perfil biográfico na Idade Média. Ele cita como exemplo a obra *Os Contos da Cantuária*, de Geoffrey Chaucer. Publicado originalmente em 1392, o livro é fruto da experiência do seu autor como funcionário da corte do rei Henrique IV. Os 30 peregrinos que, na história, saem de Londres para a Cantuária teriam equivalentes no mundo real, pessoas consideradas por Chaucer como merecedoras de celebração, zombaria ou crítica. Para Hannis, o poeta estaria agindo como um protojornalista, traçando o perfil de pessoas com quem convivia e expressando sua própria visão a respeito deles. De fato, aqueles relatos são ficcionais, mas, para Hannis, o fato de as personagens encontrarem referência na vida real, bem como o texto usar de uma linguagem mais próxima daquela usadas pelas pessoas comuns se comparada com as obras literárias da época, evidenciam uma proximidade com o que viria a ser a prática jornalística.

Quando Johannes Gutenberg cria a prensa móvel, por volta de 1450, aparecem os primeiros panfletos noticiosos, chamados de baladas. A maior parte das pessoas não era alfabetizada, e esse formato se tornou muito popular por permitir que os últimos acontecimentos pudessem ser escritos em verso e cantados, mediante pagamento, nas melodias das canções folclóricas que a maior parte das pessoas conhecia. Além de título, cada folheto tinha uma xilogravura e trazia instruções sobre a melodia correspondente. Eles eram comprados pelos menestrelis, que percorriam as cidades à procura de quem lhes quisesse ouvir (HANNIS, 2016).

Em alguns casos, essas baladas eram usadas para traçar o perfil de figuras conhecidas naquela época. Um desses folhetos era intitulado *Uma Agradável Nova Balada Sobre o Mais Abençoado e Próspero Reinado de Sua Majestade*. Esse texto circulou em 1600, quando foram celebrados os 43 anos do reinado de Elizabeth I. Tempos

depois, por ocasião da coroação do rei James I, foi publicado o panfleto *Uma Excelente Nova Balada Mostrando o Pedigree de Nosso Rei James*. Conforme Hannis (2016), esses textos podem ser considerados “proto-perfis”, já que se propunham a retratar a trajetória de personalidades, mesmo que tenham sido encomendadas pelo governo, o que era comum na época.

Também circulavam baladas sobre criminosos. Um exemplo é o texto *A Lamentação de Henry Adlington*, sobre um condenado à forca por ter cometido um homicídio no ano de 1600. O autor apelou para um recurso comum na época que consistia em fazer parecer que a personagem retratada estivesse contando sua própria história. A ideia é usar a condenação como um modelo das convenções sociais existentes no período. Por exemplo, traz a frase “o vinho e as mulheres causaram minha desgraça”, em uma referência ao puritanismo religioso, e conclui com o arrependimento do condenado.

No século XVII, durante a Guerra Civil Inglesa, confronto que acabou por diminuir os poderes do monarca e aumentar os do Parlamento, as baladas foram usadas pelos dois lados na disputa para caluniar e atacar a imagem dos adversários e seus aliados. Apesar de não poderem ser usados como fonte histórica, para Hannis esses perfis permitem compreender o contexto, as personagens e as motivações por trás de cada um deles.

Em 1791 é publicada aquela que é considerada a primeira biografia moderna. Escrita por James Boswell, *A Vida de Samuel Johnson* ainda hoje é tratada pelo *Cambridge Guide to Literature in English* como “a maior biografia do idioma”. Contudo, para Grant Hannis (2016), a obra, ou pelo menos a primeira parte dela, seria um perfil biográfico como o que estamos habituados a consumir na atualidade.

O principal argumento é que a maior do texto foca nas experiências entre o autor e o biografado. Há, ainda, uma evidente preocupação de Boswell com a checagem dos fatos relatados e a veracidade do que foi inserido no livro. Assim como os perfis modernos, é dada muita importância para os encontros entre o biografado e o biógrafo, para a descrição detalhada do ambiente e da aparência do sujeito, além do fato de que, assim como ocorrem com os perfis, Boswell emite julgamentos sobre a personagem de seu texto.

Conforme Nikki Hessell (2016), o primeiro perfil biográfico sobre um político foi publicado no jornal britânico *Morning Post*, em 19 de março de 1800. Era um texto de 3 mil palavras sobre o então primeiro-ministro, William Pitt. Na época, o texto saiu sem

assinatura, o que era o normal no jornalismo, mas hoje sabe-se que o autor foi o poeta Samuel Taylor Coleridge. Marco do formato por ter estabelecido certas convenções ainda usadas por autores de perfis, a publicação foi um sucesso e vendeu centenas de exemplares a mais do que o comum e cópias continuaram a ser impressas nas semanas seguintes. A matéria veiculada não inovou apenas na abordagem para retratar o chefe de governo daquele país, mas trouxe inovações na diagramação do jornal:

A originalidade do perfil de Pitt só pode ser compreendida se entendermos a apresentação típica de artigos de jornal em 1800. Os jornais do início do século XIX eram extremamente restritos em termos de espaço. Consistiam em uma folha dobrada para formar duas páginas com quatro lados de texto impresso, cada uma composta por quatro colunas. A primeira página dos jornais era normalmente ocupada inteiramente por anúncios que, assim como agora, eram uma fonte vital de receita; (...) A última página também incluía anúncios, às vezes o suficiente para preencher a página inteira. (...) Isso deixou somente as duas páginas internas para as notícias. A maioria dessas histórias eram, na verdade, apenas parágrafos curtos, alguns retirados de jornais estrangeiros e alguns redigidos por jornalistas regulares, impressos anonimamente, em letras pequenas e sem manchetes. Muitas das reportagens eram notícias da sociedade ou fofocas; o *Morning Post* publicou uma coluna regular chamada "O mundo da moda" que consistia nesse tipo de material. O único artigo mais longo de jornalismo a aparecer com alguma frequência foi o *leader*, uma versão do editorial de hoje, que geralmente tinha entre 500 e 1.000 palavras (HESSEL, 2016, p. 31).

Levando em consideração esse contexto editorial, o texto escrito por Coleridge ganha um status diferenciado ao ocupar três colunas da terceira página do *Morning Post* e com um título destacado antes do texto. Segundo Hessel (2016, p. 31), aquele perfil poderia fazer parte de uma tentativa de suavizar a experiência do leitor, equilibrando as notícias mais pesadas do cotidiano e as fofocas e notícias da sociedade. Além de o título do perfil dar uma noção do que o leitor encontraria no seu conteúdo, o editor do jornal já havia percebido que o interesse que as figuras públicas despertavam nas pessoas poderia ser usado para atrair os leitores. O sucesso deste primeiro perfil moderno pode ser atribuído, segundo Hessel (2016), à "atemporalidade" do texto e "o interesse contemporâneo por personalidades famosas". A inovação, nesse caso, foi justamente mesclar o formato biográfico com o texto de jornal, mostrando que a cobertura poderia ser complementada com uma visão mais ampla e uma análise mais profunda, escapando da dependência pelas notícias do dia.

O ponto decisivo na trajetória deste formato foi o surgimento da revista *The New Yorker*, em fevereiro de 1925. Já na primeira edição apareceu pela primeira vez um texto jornalístico sobre a vida de alguém apresentado com o termo *profile* (perfil, em inglês). A ideia daquela publicação era apresentar ao leitor algo diferente daquilo que se observava na imprensa dos Estados Unidos, utilizando um novo ponto de vista, privilegiando o humor e a ironia, onde não tivesse espaço para qualquer tipo de condescendência (REMNICK, 2006).

Fundada por Harold Ross, *The New Yorker* possibilitou aos repórteres mais tempo para a produção dos seus textos e ajudou a estabelecer altos padrões de qualidade na escrita jornalística em toda a imprensa daquele país e dos países sob sua influência (PANIAGO, 2008; BOAS, 2003).

Dos repórteres que se ocuparam da escrita de perfis, nenhum teve maior êxito do que Joseph Mitchell. Nos mais de 25 anos em que atuou na *The New Yorker*, entre 1938 e 1964, o jornalista se apropriou das personagens que a cidade oferecia, mas que eram ignorados pela imprensa de referência: esquisitos, vagabundos e párias de toda sorte. Ele não tinha interesse por celebridade, milionários, poderosos, mas era atraído pelos anônimos (PANIAGO, 2008).

Na mesma época, o Brasil assistiu à popularização do formato em publicações como *Manchete* (1952-2000), *Senhor* (1959-1988) e *O Cruzeiro* (1928-1975). Mas foi com a revista *Realidade* (1966-1976) que o perfil atingiu o maior patamar em termos de qualidade do que era oferecido ao leitor. O fato de ser publicada mensalmente permitia que os repórteres tivessem mais tempo na apuração e nas entrevistas. O produto final era uma

[...] imersão total do repórter no processo de captação; jornalistas eram autores e personagens da matéria; ênfase em detalhes reveladores, não em estatísticas ou dados enciclopédicos; descrição do cotidiano; frases sensitivas; valorização dos detalhes físicos e das atitudes da pessoa; estímulo ao debate; repórteres reconheciam e assumiam em primeira pessoa, as dificuldades de compreensão da às vezes indecifrável, mas sempre fascinante personalidade humana (BOAS, 2003, p. 24).

A trajetória ascendente de *Realidade* foi interrompida pela Ditadura Militar, em especial pelo Ato Institucional Número 5 (AI-5), decretado no governo do general Arthur Costa e Silva, em 1968, que fechou o Congresso Nacional, instituiu a censura prévia e cassou parlamentares. Nesse breve período, destacaram-se nomes de repórteres como José Hamilton Ribeiro, Roberto Freire, Luiz Fernando Mercadante, Carlos Azevedo e

Oriana Fallaci. Depois que Realidade parou de circular, os perfis extensos rarearam nas publicações nacionais. As revistas semanais passaram a dominar o mercado, junto com as publicações voltadas para o mundo das celebridades.

Mais recentemente, a imprensa viu surgir a revista *Brasileiros* (2007-2017), que buscou fazer um jornalismo não-hegemônico, voltado para as pautas sensíveis do interior do país. Seus perfis buscavam apresentar aos leitores a complexidade do Brasil por meio das histórias de vida de diversos tipos de brasileiros (LEMOS, 2010). Já em 2006, a revista *Piauí* surge no mercado. Declaradamente inspirada na *The New Yorker*, seu foco é aproximar o formato do mundo dos livros, dessa forma o texto é o protagonista e até a qualidade do papel é diferenciada para ser mais confortável ao leitor (ESPEIORIN; SÓLIO, 2012). Os perfis da *Piauí* têm grande destaque e já deram origem à algumas coletâneas, como *Vultos da República* e *Tempos instáveis*. Entre os principais nomes da publicação, desde a sua fundação, destacam-se João Moreira Salles, Daniela Pinheiro, Luiz Maklouf Carvalho e Consuelo Dieguez.

Da arte de perfilar

O perfil biográfico mais famoso da história tem o título de “Frank Sinatra está resfriado” e foi escrito pelo repórter Gay Talese, em 1966. O texto saiu pela revista *Esquire* e ocupou várias páginas da publicação. O perfilado era o maior cantor dos EUA naquele período, que enfrentava uma forte gripe e estava irritado por seu estado de saúde atrapalhar a gravação de um disco, um especial de TV e um filme. Foi por isso que ele se recusou a falar com Talese.

O repórter, que não podia ficar sem a matéria, decidiu acompanhar o cantor em suas movimentações públicas, conversando com funcionários e pessoas que conviviam com Sinatra. O texto é um dos marcos do chamado jornalismo literário, em que os repórteres trazem para o texto informativo as técnicas de escrita da ficção. De forma resumida, tudo o que está escrito é verdadeiro. Só que de uma forma mais ajeitada. Para Renata Carraro (2019), o jornalismo literário pode ser apontado como o berço imaterial do perfil justamente porque ele se afasta da prática profissional que está apegada na busca pela objetividade e fundamentada no esquema fixo da pirâmide invertida.

O perfil é muito popular entre os repórteres e os leitores, basicamente porque as pessoas gostam de invadir a privacidade alheia. O perfil se dedica a contar parte da

história de vida de uma pessoa que ainda está no mundo, não importa se ela é conhecida ou não, juntando várias peças para formar um verdadeiro mosaico, desvelando uma personalidade e estabelecendo conexões entre passado, presente e futuro. E essa é uma das singularidades do perfil: ele não dá conta do todo, porque a sua protagonista ainda está viva e porque aquilo que importa é o que ajuda a interpretar a realidade, destacando aquilo que a história retratada tem de compartilhável com o todo da audiência do veículo (BOAS, 2014; ROCCO, 1999; SILVA, 2012; MAIA, 2020).

O perfil possibilita ao jornalista compreender a complexidade do mundo, indo além do que é visível, permite que pontos dispersos sejam conectados. São narrativas do presente e, por não permitirem um afastamento temporal como aquele propiciado aos biógrafos, adquirem um caráter provisório e dizem respeito a uma versão da história que está sendo contada. É, portanto, um dos formatos mais relevantes por sua força subjetiva e interpretativa. Escrever um perfil pressupõe saber que cada pessoa é única e tem visões e percepções únicas sobre o

O perfil vai além da mera busca de aspas. Ele é classificado por José Marques de Melo e Francisco de Assis (2016) como um formato do jornalismo interpretativo, gênero que abrange os relatos noticiosos que buscam auxiliar a audiência a compreender, para além do relato breve, a complexidade dos assuntos abordados no noticiário cotidiano. A ideia é dar uma abordagem que privilegie o interesse coletivo e auxilie a difundir conhecimentos e orientações que promovam o bem comum (BELTRÃO, 1969).

A ideia de classificar diferentes formatos textuais remonta à Antiguidade, quando Aristóteles propôs, em “Poética”, que os textos literários fossem classificados em três gêneros: épico, lírico e dramático. O objetivo era propor uma forma de identificar cada um desses tipos a partir de suas características particulares e aquilo que se esperava de cada formato no contexto das relações sociais. Com o passar do tempo, a ideia original de Aristóteles foi se convertendo num sistema rígido de classificação, resultando em uma verdadeira ditadura das formas. Por causa disso, no século XVIII, a chamada teoria dos estilos literários perdeu crédito e desapareceu quase que por completo. Somente na década de 1940, com o surgimento da escola crítica de Chicago, os chamados neo-aristotélicos, é que se voltou a dar importância para a influência que as formas e convenções, na literatura, poderiam exercer sobre as pessoas. A partir de então passou a prevalecer a noção de que as classificações precisam partir do objeto e não de outra referência à realidade externa (BUSCOMBE, 2005).

Mas alguns autores contemporâneos parecem ter uma visão equivocada sobre os gêneros jornalísticos. No livro “Crítica Cultural: Teoria e Prática”, o jornalista Marcelo Coelho (2006) afirma que “distinguir entre o que é artigo, crônica ou resenha, não me parece coisa fácil, nem importante”. Já os pesquisadores Renata Carraro e Dimas Künsch (2020) defendem que um perfil pode ser sobre animais, isto é, não estaria limitado às figuras humanas. Contudo, no artigo em questão, são analisadas histórias de interesse humano, formato do jornalismo diversional.

No caso da confusão entre o que é perfil biográfico e o que é história de interesse humano, é preciso pontuar que, em ambos os casos, é concedida ao jornalista uma liberdade autoral que não é verificada na prática cotidiana do jornalismo. No caso das histórias de interesse humano isso é ainda mais destacado já que a narrativa pode apelar para o emocional do leitor e ser sobre qualquer assunto, desde que seja capaz de divertir ou emocionar a audiência. Enquanto isso, o perfil tem um compromisso fundamental em retratar parte da história de vida de um sujeito para ajudar a entender algum fenômeno que afeta a realidade das pessoas. Um entretém, outro interpreta a realidade (ASSIS, 2014; CARMO; DIAS, 2022).

É claro que nenhum formato jornalístico é fixo, limitado e com limites intransponíveis. Ao contrário, todos eles estão sujeitos às mutações conforme avançam a prática jornalística, a sociedade, o capitalismo, etc. De certa forma, esse processo pode ser comparado ao ciclo da vida: nascem, se desenvolvem, se desgastam com o tempo e somem quando não tem mais com o que contribuir. Isso ocorreu com o jornalismo epistolar, feito por meio de cartas, que não existe mais. A questão central, no entanto, é que se um editor pede ao seu repórter que ele produza um perfil, não vai aceitar que lhe seja entregue uma crônica, um artigo, um editorial ou um soneto. Nenhum deles é um perfil e o soneto sequer é um formato jornalístico. Compreender isso é elementar para qualquer um que atue na imprensa profissional.

Outro ponto importante a ser citado é que, talvez por conta da popularidade do formato, a palavra perfil passou a ser usada indiscriminadamente para se referir a qualquer coisa que remeta ao resumo de algo, ou uma trajetória profissional ou algo do tipo. Contudo, um perfil é um texto biográfico e isto significa que o seu foco sempre será retratar a vida de uma pessoa. Do contrário, tem-se algum outro formato jornalístico, menos o perfil (BOAS, 2014; SODRÉ; FERRARI, 1986; ROCCO, 1999; VILLANUEVA CHANG, 2010).

Esse tipo de texto tem uma durabilidade diferenciada. Mesmo retratando uma fase, um momento da vida de alguém, o texto continua gerando interesse nas pessoas, mesmo que as personagens tenham amadurecido, mudado seus pensamentos ou nem estejam mais vivas. Isso porque eles adotam um estilo de escrita que está mais próxima da ficção e talvez isso contribua para uma outra característica deste formato, que é a sua capacidade de gerar empatia nos leitores ao permitir que eles vivenciem as experiências de outras pessoas em momentos de sucesso, fracasso, frustrações, luto, etc (BOAS, 2014).

O trabalho do repórter que escreve perfis é recolher indícios que permitam conhecer uma existência e o contexto em que ela está inserida, é um exercício em que o profissional de imprensa “abre-se para o outro, em uma dimensão de escuta, que o legitima como mediador do real” (MAIA, 2020, p. 20). Ao dar espaço para outras vozes, mais variadas e plurais, o veículo se permite veicular narrativas verdadeiramente polissêmicas.

Considerações finais

O perfil, como formato de natureza biográfica, encontra sua origem na Antiguidade, quando narrativas sobre as vidas das outras pessoas começam a surgir. Para muitos autores, o trabalho do repórter que se dedica a escrever esse tipo de material jornalístico se assemelha àquilo que Plutarco fez quando eternizou as vidas dos homens ilustres de Grécia e Roma Antigas.

Hoje, como naquela época, o que importa é a intersecção entre a personagem retratada e o seu meio, isto é, as outras pessoas que vivem naquele mundo naquele período e são suscetíveis aos mesmos problemas, dificuldades e desafios. Perfil, portanto, é um relato sobre o coletivo, sobre as pessoas de uma época, tomando como ponto de partida a experiência singular.

Da Antiguidade ao surgimento da prensa de Gutenberg, os formatos biográficos foram se mantendo mediante as possibilidades que existiam, geralmente na literatura. Se fez notar também pelos panfletos de notícias, que permitiam que os fatos fossem contados e transmitidos para a parcela da população que não era alfabetizada por meio de baladas, isto é, uma espécie de notícia cantada mediante pagamento feito aos menestres.

O formato perfil biográfico como nós conhecemos é um produto da imprensa que resulta daquela velha intersecção entre jornalismo e literatura, uma relação tão próxima

que quase se confunde em determinados momentos. A partir dos anos de 1960 este formato se torna um dos mais visados pelos profissionais da escrita, já que, dentro do contexto do chamado jornalismo literário, propiciava aos redatores a oportunidade de gastar as técnicas de escrita ficcional, que não lhes era permitido usar nos textos noticiosos.

Foi nesse período que os repórteres brasileiros se viram diante dessa tal liberdade. Mesmo que não fosse uma liberdade completa, já que a Ditadura Militar tem seu início no país em 1964 e a censura em 1968, com a edição do Ato Institucional Número 5 (AI-5).

O perfil, por sua natureza, exige que o repórter esteja ao lado do personagem durante parte do período do trabalho. Não apenas para colher aspas, mas para observar aquilo que é dito com gestos, posicionamentos, modos de ver o mundo, as pessoas e as situações.

A palavra perfil acabou ganhando vários outros significados, que vão desde um resumo da trajetória de uma pessoa até a conta que alguém possui numa plataforma digital. Essencialmente, o perfil faz parte desse tipo de jornalismo que não se limita a regras como a pirâmide invertida, por exemplo, ou a ideologia de uma pretensa objetividade. Ao contrário, possibilita a experimentação e a quebra de normas, a começar pelo abandono dos manuais de redação adotados pelos veículos. O mesmo não se pode aplicar, por exemplo, às notícias, aos editoriais e aos artigos de opinião, que no contexto contemporâneo possuem formas mais rígidas.

É importante para o objetivo deste artigo reafirmar o caráter biográfico do perfil. Isto é, ele sempre será sobre uma pessoa. Geralmente, autores que defendem o contrário usam como exemplos reportagens, histórias coloridas ou de interesse humano, que também dão mais liberdade autoral ao jornalista, mas que não têm esse compromisso com a história de vida.

Talvez seja esse fator, o biográfico, o responsável por fazer com que estes textos tenham uma durabilidade maior. Via de regra, jornais são descartados no dia seguinte à sua impressão. Nos meios digitais, os links perdem a força de acesso poucas horas após a publicação. Os perfis se prolongam, saem das páginas e/ou das telas para as coletâneas e são lidos muito tempo depois da data em que foram colocadas em circulação pela primeira vez.

Referências

ASSIS, Francisco de. **Jornalismo diversional**: função, contornos e práticas na imprensa brasileira. 2014. 444 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2014.

BELTRÃO, Luiz. **A imprensa informativa**: técnica da notícia e da reportagem no jornal diário. São Paulo: Folco Masucci, 1969. 424 p.

BOAS, Sérgio Vilas. **Perfis**: o mundo dos outros 22 personagens e 1 ensaio. Editora Manole, 2014.

BOAS, Sérgio Vilas. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus Editorial, 2003.

BRUCK, Mozahir Salomão; ANTUNES, Rennan. Jornadas e heróis nos perfis da Revista Piauí: um estudo sobre gestos biográficos no jornalismo. **Contracampo**, Niterói, v. 36, n. 3, p. 235-255, 24 nov. 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17622>. Acesso em: 12 ago. 2024.

BUSCOMBE, Edward. A idéia de gênero no cinema americano. In: **Teoria contemporânea do cinema**. São Paulo: Senac, 2005. p. 303–318.

CARMO, Aparecido Santos do; DIAS, Paulo da Rocha. Jornalismo sobre pessoas: o caso da história de interesse humano. **Libero**, São Paulo, n. 52, p. 270-282, set. 2022. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1804>. Acesso em: 12 ago. 2024.

CARRARO, Renata; KÜNSCH, Dimas Antônio. Cães, ratos, urubus e outros bichos: uma visão compreensiva do perfil jornalístico. 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. **Anais...Brasília**: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 2020. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-2853-1.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2024.

CARRARO, Renata. **Narrar é preciso**: uma viagem pela teoria e prática do perfil jornalístico. 2019. 330 folhas. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2019.

COELHO, Marcelo. **Crítica cultural**: teoria e prática. São Paulo: Publifolha, 2006. 352 p.

DIAS, Paulo da Rocha. et al. Gêneros e formatos na comunicação massiva periodística: um estudo do jornal “Folha de S. Paulo” e da revista “Veja”. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais...Recife**: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 1998. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/b43f21945b991b4e99923bee1b2e5d7c.PDF>. Acesso em: 12 ago. 2024.

DIAS, Paulo da Rocha; CARMO, Aparecido Santos do. **O obituário no jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2020. 154 p.

ESPEIORIN, Vagner Adilio; SÓLIO, Marlene Branca. Uma pitada de literatura no jornalismo: o perfil na revista Piauí. XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais...** Fortaleza: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2012/resumos/R30-1134-2.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2024.

HANNIS, Grant. The Pre-history of Profiles, 1380–1800: Chaucer, News Ballads, the English Civil War and Boswell. In: JOSEPH, Sue; KEEBLE, Richard Lance. **Profile pieces: journalism and the ‘human interest’ bias**. New York: Routledge, 2016. p. 17-29.

HESSELL, Nikki. Profiling Pitt: The First Political Profile and its Legacies. In: JOSEPH, Sue; KEEBLE, Richard Lance. **Profile pieces: journalism and the ‘human interest’ bias**. New York: Routledge, 2016. p. 30-42.

KEEBLE, Richard Lance; JOSEPH, Sue. Introduction: Profiling—Painting a Picture in Words. In: JOSEPH, Sue; KEEBLE, Richard Lance. **Profile pieces: journalism and the ‘human interest’ bias**. New York: Routledge, 2016. p. 1-16.

LEMOS, Jaqueline. Os brasileiros da Revista Brasileiros: pluralidade e singularidade narradas em reportagens. **Revista Extraprensa**, v. 3, n. 3, p. 865–873, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/77217/81079>. Acesso em: 12 ago. 2024.

LIMA, Cassandra Merielli Lopes. **Perfis em rede: a narrativa biográfica como ferramenta de ensino e aprendizagem com estudantes de Jornalismo**. 2018. 197 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Mídia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

MAIA, Marta Regina. **Perfis no jornalismo: narrativas em composição**. Florianópolis: Insular, 2020.

MAIA, Marta Regina. Perfil: a composição textual do sujeito. In: TAVARES, Frederico de Mello B.; SCHWAAB, Reges (Org.). **A revista e seu jornalismo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 39, n. 1, p. 39–56, abr. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/interc/a/YYXs6KPXhp8d7pRvJvnRjDR/>. Acesso em: 12 ago. 2024.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de (Org.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Umesp, 2010. 331 p.

MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de (Org.). **Gêneros jornalísticos: estudos fundamentais**. Rio de Janeiro/São Paulo: Puc Rio/Edições Loyola, 2020. 332 p.

PANIAGO, Paulo Roberto Assis. **Um retrato interior: o gênero perfil nas revistas the New Yorker e Realidade**. 2016. xi, 456 f., il. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) -Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

PLUTARCO. **As vidas dos homens ilustres**. São Paulo: Editora das Américas, 1953. v. 7.

REGINATO, Gisele; DIAS, Marlon. Perfil Jornalístico: histórias de vida e a busca da alteridade. In: DIAS, Marlon; BRESSAN, Olívia; BORELLI, Viviane. (Orgs.) **Jornalismo Literário: Itinerários possíveis**.

REMNICK, David. **Dentro da floresta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

REMNICK, David. **Life Stories: profiles from The New Yorker**. Nova Iorque: The Modern Library, 2001.

ROCCO, Fiammetta. **Síndrome de Estocolmo: jornalista em seqüestro**. In: The Penguin book of Journalism: secrets of the press. Londres: Penguin Books, 1999. p. 1–9.

SILVA, Amanda Tenório Pontes da. **Mídia, cotidiano e personagens**: uma análise da construção de perfis jornalísticos na revista Veja. 109 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. **Plutarco historiador**: análise das biografias espartanas. São Paulo: EDUSP, 2006.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

VILLANUEVA CHANG, Julio. O crítico de pessoas. **O Globo**, 3 jul. 2010. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/o-critico-de-pessoas-305126.html>. Acesso em: 12 ago. 2024.